



EDITORIAL

As transformações que caracterizam esse limiar de milênio implicam mudanças culturais que, em alguns setores, subvertem inteiramente os pressupostos, experiências e proposições que vinham nos orientando. Em relação à educação, especialmente, essas mutações repercutem na forma de um questionamento radical de seus desígnios. Qual será a tarefa da educação nestes tempos? Ensinar a ler o mundo? A explicar o mundo? A entender o mundo? A atribuir sentido ao mundo? Ou serão outras? Neste número de *Educação & Realidade*, optamos por não estabelecer antecipadamente um tema para ser colocado em destaque, permitindo que o mesmo emergisse das preocupações presentes nos vários artigos que nos foram espontaneamente encaminhados para publicação. E o tema estava lá, central em algumas reflexões, tangenciando outras, mas presente na maior parte delas — os discursos. Num tempo em que as análises pós-estruturalistas têm anunciado, recorrentemente, que “o sujeito é constituído na linguagem” e que “não há nada fora do texto”, parece instigante procurar compreender como a discussão sobre os discursos tem penetrado o campo da educação.

Como essa é uma temática com muitos matizes, e o termo *discurso* não é unívoco, os autores e autoras que tratam do *Tema em Destaque* deste número nos conduzirão em um passeio por algumas de suas múltiplas acepções e concepções. Nesse sentido, no primeiro artigo dessa seção, Jorge Larrosa descreve um experimento no qual aborda uma questão prática ligada à educação moral, utilizando o enfoque bernsteniano sobre a estruturação do discurso pedagógico. Alfredo Veiga-Neto, por sua vez, analisa a Didática, tomando-a como uma discursividade atrelada aos desígnios disciplinares da sociedade moderna, na qual a educação assume a tarefa de preparar os indivíduos para as diversas formas de governo. Desde um outro campo de pesquisa, Victor Valla chama a atenção para a necessidade dos/as intelectuais e pesquisadores/as envolvidos em projetos de educação popular tentarem compreender as representações e visões de mundo presentes nas falas das classes subalternas. Segundo o autor, de outra forma corremos o risco de persistir em análises que qualificam como “erradas” as concepções daqueles e daquelas que compreendem de “outro modo” por estarem posicionados/as diferentemente no mundo. Ainda nessa seção, o construtivismo é tema de dois ensaios. Em um deles, Mariano Palamidessi nos apresenta o *maestro constructivista* como uma produção do discurso pedagógico presente na documentação oficial, das quatro últimas décadas, relativa ao currículo escolar argentino. No outro, a partir de uma perspectiva sociológica em que lança mão de referencial pós-estruturalista/pós-modernista, Sandra Corazza discute o construtivismo — que qualifica como discurso hegemônico na educação brasileira — contrapondo-se a dois sentidos correntes que lhe têm sido atribuídos: o de evolução e o de modismo.

Evidenciando, mais uma vez, a atualidade do tema *discursos e educação*, uma das *Resenhas Críticas* que *Educação & Realidade* inclui neste número nos chegou como contribuição espontânea de um autor argentino — Ricardo Baquero — que focaliza o discurso pedagógico e a infância da modernidade na obra *Infancia y Poder*, de Mariano Narodowski. A outra resenha, de autoria de Alfredo Veiga-Neto, nos apresenta a recém lançada obra do espanhol Jorge Larrosa, intitulada *La experiencia de la Lectura - estudios sobre literatura y formación*.

No espaço destinado a temas variados, tomou corpo um sugestivo conjunto de trabalhos que analisam questões atuais do campo da educação. Em alguns deles, de modos distintos, a temática do discurso retorna à cena, como é o caso do artigo em que Rosa Maria Martini investiga a reconstrução de um saber pedagógico, realizando uma crítica das ideologias para identificar seus déficits cognitivos e motivacionais na história da educação brasileira. A partir da teoria habermasiana, a autora interpreta o discurso filosófico, constituindo um novo significado para o *ethos* e o *eros* pedagógico. Prosseguindo, Fernando Alvarez-Uría analisa a escola sob uma perspectiva foucaultiana, concebendo-a como um dispositivo disciplinar com profundas implicações na produção social de subjetividades, conectado ao complexo jogo de interesses a serviço da constituição

da ordem social moderna. Desde um outro referencial analítico, a instituição escolar é abordada no trabalho em que Julieta Desaulnier, apresentando uma pesquisa sobre o processo de formação em escolas de ofício católicas, chama a atenção para o incremento de estudos sobre a instituição escolar como espaço de formação e para as implicações disso em um processo em que a Sociologia da Educação vem se configurando, cada vez mais, como uma “Sociologia da Escola”. A escola continua em foco no artigo de Carmem Maria Aguiar sobre a educação de crianças em uma comunidade semi-isolada do interior do Brasil. Nessa pesquisa, a autora analisa o processo educativo em que elementos singulares da cultura de um grupo interagem com a formalidade do ensino escolar, produzindo uma forma peculiar de trabalho escolar. A questão das culturas — especialmente nos aspectos referentes às minorias étnicas, às relações raciais e à construção da identidade nacional nos EUA — permanece sob escrutínio no estudo de Arabela Campos Oliven sobre as políticas de ingresso nas universidades daquele país.

O debate sobre o construtivismo reaparece no trabalho em que Creso Franco e José Maurício Domingues abordam a recente polêmica sobre o caráter progressista ou regressivo dessa tendência. Embasados em Goldmann e Habermas, os autores salientam o potencial político da Epistemologia Genética e criticam as avaliações homogeneizadoras sobre o papel da psicologia no pensamento educacional brasileiro.

O artigo de Ana Maria Galvão sobre o uso de fontes em história da educação, dando especial destaque para o potencial representado pela utilização de fontes não convencionais, encerra o conjunto de trabalhos desse número, que inclui, ainda, o Índice de Autores dos vinte anos da Revista: 1976-1995.

Com esse fascículo, completa-se mais um período de editoria na revista *Educação & Realidade*. Esse é um momento especial em que, ao avaliar as edições dessa etapa, posso perceber o quanto elas carregam as marcas das inúmeras pessoas que me ajudaram a compor cada número. A cada uma delas deixo registrado um particular agradecimento, ao mesmo tempo em que quero compartilhar a satisfação de termos produzido uma revista crítica, com artigos que se caracterizaram pelo rigor teórico e pelo compromisso político, sem deixar de lado a sensibilidade para captar as questões socio-culturais mais candentes desse final de século. Como sempre, fico torcendo para que nosso trabalho siga produzindo reflexões fecundas e instigantes, contribuindo para que possamos inventar uma sociedade mais solidária.

Marisa Vorraber Costa